



PERSONA

ANSELMO SERRAT: UM INVENTOR DE SONHOS

ANSELMO SERRAT: AN INVENTOR OF DREAMS

ANSELMO SERRAT: INVENTOR DE SUEÑOS

ELIENE BENÍCIO

FABIO DAL GALLO

MARIO FERNANDO BOLOGNESI

SIMONE REQUIÃO

BENÍCIO, Eliene; DAL GALLO, Fabio; BOLOGNESI, Mario Fernando;
REQUIÃO, Simone.

Anselmo Serrat: um inventor de sonhos.
Repertório, Salvador, ano 23, n. 34, p. **200-215**, 2019.2

DOI: <https://doi.org/10.9771/rv1i34.36834>

RESUMO

A presente entrevista trata do criador e diretor artístico da Escola de Circo Picolino, Anselmo Serrat, que fundou em Salvador a primeira Escola de Circo do Nordeste do Brasil, em 1985. Como diretor artístico, Anselmo Serrat especializou-se na direção de espetáculos circenses, com a realização de espetáculos com a estética do Novo Circo. Neste ano de 2020 Anselmo Serrat faleceu, deixando um legado de luta e resistência para a solidificação da Escola de Circo Picolino.

PALAVRAS-CHAVE:

Circo. Anselmo Serrat.
Direção artística. Escola de
Circo Picolino.

ABSTRACT

This interview is about the creator and artistic director of the Escola de Circo Picolino, Anselmo Serrat, who founded in Salvador the first Circus School in Northeast Brazil, in 1985. As artistic director, Anselmo Serrat has specialized in the direction of circus shows with the New Circus aesthetics. In this year of 2020 Anselmo Serrat passed away, leaving a legacy of struggle and resistance for the solidification of the Escola de Circo Picolino.

KEYWORDS:

*Circus. Anselmo Serrat.
Artistic direction. Escola de
Circo Picolino.*

RESUMEN

Esta entrevista trata del creador y director artístico de la Escola de Circo Picolino, Anselmo Serrat, quien fundó en Salvador la primera Escuela de Circo en el Nordeste de Brasil, en 1985. Como director artístico, Anselmo Serrat se especializó en la dirección de espectáculos de circo, con la estética New Circus. En este año de 2020 falleció Anselmo Serrat, dejando un legado de lucha y resistencia para la solidificación de la Escola de Circo Picolino.

PALABRAS CLAVE:

*Circo. Anselmo Serrat.
Dirección artística. Escola de
Circo Picolino.*

A REVISTA *REPERTÓRIO* em seu número 34, com o dossiê Circo: Ontem e Hoje, traz como persona o artista e diretor circense Anselmo Serrat, cocriador do Circo Picolino, que recentemente faleceu, deixando uma grande lacuna para o circo na Bahia.

Durante o Seminário Internacional de Circo, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, no Teatro Martim Gonçalves, entre os dias 8 e 10 de outubro de 2019, Anselmo Serrat foi homenageado pelo conjunto de sua obra.

Para compor a seção Persona deste número especial da revista, no dia 14 de fevereiro deste ano, foi realizada uma entrevista com Anselmo Serrat, que se colocou inteiramente disponível para falar de sua trajetória circense, iniciada em São Paulo. Infelizmente ele faleceu dias depois, em 17 de março de 2020. Toda a equipe da revista *Repertório* agradece a generosidade de Anselmo Serrat e sua família, que nos receberam em sua casa, numa manhã ensolarada.

Anselmo Serrat nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de agosto de 1948. Logo cedo definiu seu caminho no mundo das artes. Trabalhou no fim da década de 1960 como fotógrafo, no Projeto Rondon, e chegou ao cinema como diretor de fotografia, trabalhando nesta função em mais de 20 filmes, entre os quais: *O Rei da Vela*, com direção de José Celso Martinez Corrêa e Noilton Nunes; *Ladrões de*

Cinema, dirigido por Fernando Coni Campos; e *Na Boca do Mundo*, com direção de Antônio Pitanga.

No início dos anos 1980, em São Paulo, encontrou no circo uma linguagem com a qual se identificou de forma plena. Frequentou a Academia Piolin de Artes Circenses, tendo entre seus professores, Roger Avanzi, o Palhaço Picolino. Ainda em São Paulo, Anselmo fundou e integrou o Grupo de Circo-Teatro Tapete Mágico, em parceria com Verônica Tamaoki.¹ O grupo apresentava seus espetáculos numa “carroça”, um palco móvel, em diferentes espaços da grande São Paulo, e também, posteriormente, pelo Brasil.

Em 1985, Anselmo Serrat e Verônica Tamaoki chegaram a Salvador e, juntos, fundaram a Escola Picolino² de Artes do Circo,³ a quarta escola de circo do Brasil – terceira ainda em atividade e primeira do Norte e Nordeste. Em 35 anos de atividades ininterruptas, a escola teve como público-alvo crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Ela também se dedicou à produção cultural, com a criação de espetáculos, a formação de artistas circenses e a realização de encontros de artistas e escolas de circo.

Inicialmente, a Escola Picolino funcionou no Circo Troca de Segredos, em Ondina; em 1987 transferiu-se para o Espaço Xis, na Biblioteca dos Barris. Sem local definido, após sua saída do Espaço Xis, em 1989, Anselmo Serrat decidiu ocupar a área do antigo aeroclube, na Boca do Rio. O circo ficou lá até 1996, quando conquistou o espaço em Pituaçu, onde permanece até a atualidade. Neste novo espaço, a Escola Picolino cresceu e virou Associação Picolino de Artes do Circo, uma organização com títulos de Utilidade Pública Municipal e Estadual, tendo seu funcionamento legalizado, com alvará de funcionamento. A luta travada durante anos por Anselmo Serrat na conquista de um local para o Circo Picolino foi finalmente reconhecida.

A Escola Picolino de Artes do Circo, através de sua metodologia de Arte-Circo-Educação, tem atendido centenas de crianças, adolescentes e jovens, prioritariamente os que se encontram em desvantagem social, vindos na sua maioria, das camadas sociais populares de Salvador e Região Metropolitana. Os alunos têm aulas de circo e atividades diversas de aprendizagens, como suporte à educação básica.

1 Verônica Tamaoki estudou artes circenses, entre 1979 e 1982, pela primeira escola de circo do Brasil, a Academia Piolin de Artes Circenses. Como equilibrista e malabarista, se apresentou em circos, teatros, eventos, festivais, e criou o grupo Tapete Mágico. Em 1985, fundou, com Anselmo Serrat, a Escola Picolino de Artes do Circo, em Salvador, Bahia, na qual desempenhou o papel de professora e diretora até 1990.

2 Em homenagem ao Palhaço Picolino, que foi professor de Anselmo e Verônica, a escola de circo recebeu seu nome: Escola Picolino de Artes do Circo.

3 Endereço da Escola Picolino de Artes do Circo: Av. Octávio Mangabeira - Pituaçu, Salvador - Bahia, CEP: 41740-000. Email: circopicolino@gmail.com

Anselmo Serrat, à frente da Escola Picolino de Artes do Circo, com seu espírito empreendedor, realizou diversas parcerias com organizações não governamentais (ONGs), que se tornaram importantes para a manutenção de projetos socio-culturais da Escola Picolino, a exemplo das parcerias com o Projeto Axé,⁴ e com o Projeto Ágata Esmeralda.⁵

Foto 1: Anselmo Serrat em Viva o Circo, Ano XII: Magias & Bruxarias, 1997
Fonte: Arquivo Escola de Circo Picolino.



4 Projeto Axé – Centro de Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e ao Adolescente é uma organização não governamental fundada em 1990 na cidade de Salvador Bahia (Brasil) por Cesare de Florio La Rocca, advogado e educador de origem italiana. O Projeto Axé é reconhecido em nível internacional por seu trabalho na área da educação e na defesa dos direitos das crianças, adolescentes e jovens.

https://www.google.com/search?q=projeto+ax%C3%A9+hist%C3%B3ria&rlz=1C1GGRV_enGB751GB751&oq=Projeto+Ax%C3%A9&aqs=chrome.2.69i57j0l7.8813j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

5 O nome do Projeto – “Ágata Esmeralda” – deve-se à primeira criança acolhida no Hospital dos Inocentes, em Florença, no longínquo 5 de fevereiro de 1445. Foi nessa cidade que, cerca de 25 anos atrás, o Cardeal Dom Lucas Moreira Neves encontrou-se com o Prof. Mauro Barsi. Dom Lucas lhe apresentou a dramática situação vivida por muitas crianças, adolescentes e jovens de sua arquidiocese – isto é, de Salvador. Desse encontro nasceu uma obra social que hoje atinge na Bahia mais de 7 mil crianças, acolhidas em 120 centros diferentes. <https://arquidiocesosalvador.org.br/agata-esmeralda/>

O Curso de Formação de Instrutores de Circo (1999) foi mais uma inovação de Anselmo Serrat, possibilitando que jovens circenses se qualificassem e vivessem da sua arte. Com duração de 2 anos e meio, o curso contemplava aulas teórico-vivenciais, desenvolvimento técnico-artístico, prática de circo, metodologia circense, estágio supervisionado e produção de espetáculo. Proporcionou, também, junto à Escola Picolino, a formação de novos artistas de circo, através de Curso Profissionalizante de Artistas de Circo (1991), para atuarem em qualquer circo do mundo ou serem inseridos na própria Companhia de Circo Picolino.⁶

Na produção cultural da Escola Picolino ele idealizou e realizou os seguintes projetos, que se tornaram permanentes: *Todo Mundo Vai ao Circo* (1997) e *Hoje Tem Espetáculo* (1997), que direcionavam os espetáculos da Companhia Picolino para o público estudantil das escolas públicas; *Viva o Circo* (1985), com apresentações de espetáculos temáticos de encerramento do ano letivo, envolvendo todos os alunos da escola. Desses projetos nasceram as montagens e apresentações em turnês da Companhia de Circo.

Na direção artística, Anselmo também inovou ao criar espetáculos com uma linguagem circense contemporânea, desde o ano de 1985, trazendo para o picadeiro temas da cultura popular, da literatura, do cinema, da música e das artes plásticas. Entre os anos de 1998 e 2003, sua criação artística circense foi intensa. Nesse período ele criou e dirigiu os espetáculos *Panos* (1998), uma reverência à herança africana através da representação de sua mitologia; *Batuque* (1999), que apresentava a trajetória da formação do povo brasileiro; *Circo das 1000 Faces* (2000), espetáculo construído com jovens de várias partes do mundo, com turnê pela Europa; e *Guerreiro* (2000), em homenagem ao cineasta Glauber Rocha, que reuniu no picadeiro o tradicional e o contemporâneo, a cultura popular, o cinema, o circo, a dança, a música e o teatro. Em 2001, realizou uma turnê pela França com o espetáculo *Batuque*, e uma turnê nacional com o espetáculo *Cenascotidianas*; em 2002, concebeu o espetáculo *Retratos do Brasil*, uma viagem pelas tradições das regiões brasileiras, e o espetáculo *2002 Brasa*; em 2003, montou o espetáculo *Jorge, Amado no Circo*, uma homenagem ao escritor baiano Jorge Amado.

Anselmo também promoveu o encontro de artistas e escolas de circo e a realização de espetáculos com linguagem circense contemporânea, que foram

6 Companhia Picolino - Para fortalecer sua missão e ampliar a atuação no cenário baiano, nacional e internacional, uma empresa social de Produção Cultural e Captação de Recursos para a Companhia Picolino de Artes do Circo foi criada, tendo como meta atingir diretamente seu público-alvo: médias e grandes empresas, prefeituras e grandes produtores culturais, para realizar eventos e espetáculos circenses, contribuindo assim com a manutenção dos salários e remunerações da Associação Picolino. (DOSSIÊ ESCOLA PICOLINO, 2012)

apresentados em Salvador e em diversos lugares do estado da Bahia, do Brasil e do exterior.

Anselmo Serrat foi homenageado com a Ordem do Mérito Cultural, do Ministério da Cultura, em 2007, e com diversos prêmios e reconhecimentos pela criação da Escola Picolino, resultado da ressonância do seu trabalho.



ENTREVISTA COM ANSELMO SERRAT

(Entrevista realizada em 14 de fevereiro de 2020, na residência de Anselmo Serrat, bairro de Pituaçu, Salvador-Bahia).

A entrevista aqui apresentada são fragmentos de uma longa conversa, que durou por volta de duas horas. Durante a entrevista Anselmo Serrat ficou livre para responder às perguntas dos entrevistadores. Do longo bate-papo foram destacadas as produções artísticas do guerreiro Anselmo Serrat e de seu processo de criação, pois como diretor circense, foi um inventor de sonhos.

Qual é a sua contribuição enquanto diretor de circo?

ANSELMO SERRAT: Eu fui diretor de fotografia no cinema, e nunca tive um preparo para a direção de circo. Eu aprendi a dirigir circo, no circo. Na verdade, na Picolino acabamos criando uma nova forma de fazer circo, mantendo o que tinha de tradição, os números e as técnicas, mas avançamos no sentido de fazermos espetáculos inteiros com conteúdo. Não é um espetáculo de variedades e nem de pequenos esquetes, mas um espetáculo inteiro criado ao redor de um conteúdo, fechado em torno de um tema. Não tem pretensão intelectual porque é circo. A pretensão é usar o corpo para criar histórias. Essa

é a grande contribuição que demos para o circo no Brasil. Eu não conhecia espetáculos com conteúdo.

Como iniciou essa sua forma de fazer circo?

ANSELMO SERRAT: Uma vez fui convidado para fazer o fechamento do ano da Escola Nacional⁷ e então levei o espetáculo *Bonde do Circo*, da Picolino. Nesse espetáculo, usamos o recurso da narração e o público entendeu que ali havia uma historinha. Passamos a usar cada vez menos a narrativa explicativa e deixando a explicação para o palco, para o espetáculo, e com isso montamos uma série de espetáculos. Então fizemos *Panos*, *Batuque*, *GuerReiro*. Para *GuerReiro*, estudei um ano inteiro Glauber⁸ para encontrar uma linha de conteúdo dentro do seu universo. No espetáculo *GuerReiro* não tem um apresentador, só tem um guia que entra de perna de pau falando alguns trechos. *Cenascotidianas* é um espetáculo que se passa nos dias de hoje, com a galera do circo Picolino. Na verdade, é o espetáculo que eu mais gosto da gente.

7 Escola Nacional de Circo, da Fundação Nacional de Artes (Funarte), com sede na cidade do Rio de Janeiro.

8 O cineasta brasileiro Glauber Rocha (1939-1981) foi um dos criadores do movimento Cinema Novo. Produziu filmes de grande repercussão como *Terra em Transe* e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Foi também escritor e ator.



Foto 2: Viva o Circo, Ano XIII: *Panos*, 1998
Fonte: Arquivo Escola de Circo Picolino

Como foram suas inspirações para os espetáculos?

ANSELMO SERRAT: Nunca tive uma metodologia para me inspirar não.

As coisas aconteciam. *Panos* é um espetáculo belíssimo; ficou um ano inteiro em cartaz, com o circo lotado direto, todo fim de semana. A inspiração veio quando eu estava na festa do Rio Vermelho, e um grupo de baianas me arroudeou. Elas dançaram para mim, se ajoelharam, pediram a bênção e eu fiquei sem entender nada; ficaram um tempo em volta de mim, depois se levantaram e foram embora. Quando elas estavam indo eu vi os panos de suas vestimentas se mexendo, em movimento, e eu disse: “esse é o próximo espetáculo”. A construção desse espetáculo foi feita toda com o acompanhamento de um pai de santo, Mutá. Primeiro, eu e Mutá conversamos muito, tivemos uns três encontros. No quarto, nos encontramos às seis horas da tarde no Santo Antônio, na Cruz do Pascoal, onde tem aquele bar com aquela vista maravilhosa. Sentamos lá umas seis horas da tarde e amanhecemos o dia, mas saí de lá com o roteiro prontinho para começar a ensaiar. *Panos* trabalhava com nove entidades, nove orixás, dez na verdade, por causa dos erês que fechavam o espetáculo.

O espetáculo *Batuque* foi uma continuidade de *Panos*, porque tem um monte de outros orixás; tem os orixás brasileiros que são os caboclos, os índios, e os marinheiros. Eu parti para estudar isso e Mutá também, e montamos o espetáculo que começava a história com a descida do Futú, que é local onde as nações guardam seus segredos, suas histórias. Nessa história, a vida na terra é ainda só lama e um lagarto desce, se mistura na lama e vai criando vida; e daí a história já vai para o candomblé, e para o maculelê. É um espetáculo sem narrativa. Não tem nenhum narrador, ninguém está contando história de ninguém, tem apenas as frases dos orixás. Era um espetáculo muito bonito com aquelas

cordas todas. A primeira parte do espetáculo era uma grade de cordas que cercava o picadeiro. O bonito era quando derubavam as cordas que separavam eles do mundo, da vida.

Então, as coisas acontecem assim..., eu sonhei com Glauber e pensei: o que o Glauber veio aparecer aqui na minha vida, rapaz? Aí começou a aparecer Glauber de tudo que era lado. Um dia recebo um livro de presente e era um livro de Glauber. Depois eu fui para biblioteca para procurar uma coisa e de repente um livro cai... plef! Quando eu pego o livro: Glauber! Aí, pronto, virou o tema do espetáculo *GuerReiro*! E as inspirações eram sempre acompanhadas com cachaça, para tratar da construção do espetáculo. Escrever até cair. Acordar no dia seguinte e ter caneta para um lado, copo por outro, papel espalhado pela casa toda, porque dessa forma eu conseguia me destravar, sem ter vergonha do que estava fazendo, para poder botar no papel, sem me censurar. A inspiração sempre vinha de algum elemento externo, não era uma coisa que parava e falava: Ah, vou fazer isso!



Foto 3: Viva o Circo,
Ano XV: *GuerReiro*,
2000
Fonte: Arquivo Escola
de Circo Picolino.

Há os espetáculos de fim de ano da Escola, que eu avisei que só dirigiria até o 15º ano, daí em diante os monitores e instrutores assumiriam. Eles fizeram belíssimos espetáculos! Enquanto isso, eu pensava nos espetáculos da Companhia Picolino e dirigia um espetáculo a cada dois, três anos. Durante os 35 anos da Picolino, sempre estive criando espetáculos e ao mesmo tempo resolvendo sua sobrevivência com luta e resistência. Isso fez parte da nossa história.

Qual seria a fronteira entre o circo e o teatro nos seus espetáculos?

ANSELMO SERRAT: Sempre existiu circo e teatro, mas a gente conseguiu fundir os dois num mesmo espetáculo. Eu não conheci ninguém que fizesse isso. Numa determinada época eu comecei até a ficar preocupado, porque o teatro exige um tipo de concentração, de ligação com o que você está fazendo com o personagem. Já o circo não permite isso: é fundamental que você esteja integralmente ligado ao equipamento que vai usar. Alguns acidentes aconteceram porque o personagem tomou conta e a pessoa não conseguiu dominar seu personagem. No teatro você pode fazer equilíbrio em cima de um arame no chão e o público fica na mesma tensão, mas no circo o artista faz o arame lá no alto, mesmo. No teatro se você tiver uma falha dá para improvisar e no circo a quatro ou cinco metros de altura, não tem como disfarçar. Hoje penso que o teatro no circo vai até o momento que você precisa usar sua concentração. Esse é o limite até mesmo no caso dos malabares, que não oferecem perigos. Já vi excelentes malabaristas se perderem por conta da transição. Não dá para fingir que você é outra coisa que não seja aquilo que tecnicamente você está fazendo.

E o diálogo entre o circo e a música?

ANSELMO SERRAT: A banda Picolino⁹ sempre foi muito importante nos espetáculos. Pedi a Jonga para fazer a música com poesias de Gregório de Matos e montamos o espetáculo *Gregório de Matos*. Falei para ele que tinha uma semana para me devolver tudo com música. Ele fez uma trilha belíssima. A Parceria do Circo Picolino com a música continua presente. Betão constrói trilhas maravilhosas. Beef fez mestrado sobre a relação da música com o corpo do artista circense e mergulhou no *Cenascotidianas*. Ele experimentava muito. A gente gostava muito de trabalhar juntos. Eu o provocava durante o espetáculo e ele improvisava em cima. Essa é outra coisa que a gente nunca tirou, o improviso com a música em cena. Nos espetáculos não adianta colocar a música e acompanhar para finalizar juntinhos, porque vai acontecer coisas no meio. Já no espetáculo *GuerReiro* a gente foi obrigada – porque tinha a questão do filme – então a música tinha que estar sincronizada com o espetáculo. Aí a gente tinha uma trilha bem amarrada.

O espetáculo tem que ter essa liberdade e o músico tem que ter liberdade também. Nunca aconteceu de terminar um número e ficar sem som. Tem acordos na linguagem: os músicos avisam quando vai terminar determinada música, ou o artista finaliza o número quando percebe que a música está no final.

Nos roteiros há espaço para improviso?

ANSELMO SERRAT: Tem momento para improviso. Têm momentos que são sincronizados e tem momento em que a banda está aí para acompanhar a improvisação. O melhor nisso era Beef que acompanhava mesmo.

9 A Banda Picolino foi criada por Anselmo Serrat para realização de seus espetáculos circenses. Seus integrantes: Jonga Lima (voz, violão e teclado), Beto Portugal (baixo e violão) e Juracy do Amor Divino, apelido Beef (guitarra), Duda Machado (bateria), André Borges (sax e sopro), e Amadeu Alves (multi-instrumentista).

Na criação dos espetáculos, boa parte das cenas e das coreografias era tirada da improvisação, a partir do palco. Eu fazia jogos tirados do teatro e quando via uma situação interessante falava: “guarda esse movimento”, ou “eu quero essa foto”, “vai todo mundo para o seu lugar, vamos desmanchar e vamos chegar nela novamente”. Mas esse é um processo que vem do teatro, na verdade.

Muitas coisas foram criadas com o apoio de coreógrafos e muitas outras colaborações. Sempre tivemos muitas colaborações nos espetáculos, na preparação dos artistas e na organização do circo, desde o primeiro professor, o palhaço Jurubeba. Ele largou a família de circo dele e veio junto com a filha, quando estávamos ainda no Circo Troca de Segredos.¹⁰ Ele trouxe conhecimentos de aéreos. Ele ensinou como montar os instrumentos aéreos, ensinou como se usava o moitão. Depois foram chegando outros instrutores. Para a formação dos artistas houve muita colaboração. Paolo,¹¹ quando chegou, disse que era professor de acrobacia e perguntou se podia dar aula. No começo ensinou um mês e viajou para França, mas depois voltou e ficou na escola por dois anos. Montou toda a parte de banquilha de báscula. Tivemos um professor cubano que era bom de saltos e solo. Foi ele que aumentou o nível dos artistas. Ele era rígido. Ele foi vice-campeão olímpico.

Mas circo é isso mesmo. Cada um copia e trabalha à sua maneira. Não tem propriedade de número. Nós resgatamos muitos números que não se usavam mais. Um exemplo é um número da escada. Um professor disse. “eu fiz escada um tempo, você quer botar no espetáculo”? Ninguém fazia escada mais e aí pensamos de fazer a escada. No circo a gente vai no ouvido, faz uma adaptação. Nós usamos muito, mas inventamos muito também.

10 Criado e instalado em 1983, em Ondina, na Avenida Oceânica, onde hoje está localizado um pequeno campo de futebol. Durante cinco anos foi um dos espaços culturais mais movimentados de Salvador.

11 Paolo Galinski é instrutor de acrobacia e atual coordenador da Escola de Circo do Vale do Capão.

Você dissocia seu processo de criação do processo de resistência do circo Picolino?

ANSELMO SERRAT: Durante esses 35 anos de Picolino, sempre estive criando espetáculos e ao mesmo tempo resolvendo nossa sobrevivência, isso faz parte da nossa história. Com tudo isso, a gente nunca parou, nós resistimos, e esse deve ser o espírito que tem que tomar conta, as pessoas têm que se apropriar, não é só Anselmo. Luana¹² mesmo se apropriou e tem espetáculos belíssimos! Hoje existe uma galera preparada; eu mesmo não tive esse preparo, eu fui fotógrafo de cinema, aprendi a dirigir no circo! Acho que a tendência é melhorar cada vez mais essa linha de espetáculo, isso não é negar a parte física, porque sem a parte física não existe circo, mas significa não fragmentar o espetáculo.

12 Luana Serrat, filha de Anselmo Serrat e de Verônica Tamaoki, é artista circense e atriz.

Fale como foi sua experiência no vale do Jiquiriçá, com a criação do “circo rural”.

ANSELMO SERRAT: Uma experiência incrível no circo rural. Fomos contemplados com um prêmio da Funarte e fizemos um trabalho belíssimo, um ano de trabalho. Convidei dois instrutores da Escola Picolino, Bárbara e Binho, para dar aula lá, e finalizamos o projeto montando um espetáculo que contava a história do Vale do Jiquiriçá, para as pessoas de lá. Elas ficaram loucas, o prefeito chorava! Depois não saiu mais editais para dar continuidade ao projeto, então resolvi não parar e montei uma estrutura para dar aula para 30 crianças, e dei continuidade sozinho. Treinei intensamente os alunos que já tinham participado da primeira etapa, fazia um treino à parte com eles e depois fiquei só monitorando, com atenção maior nos aéreos. Desta vez fizemos o espetáculo **Qual é a cor da minha alma?**, com vários poemas que falavam sobre racismo e tocavam nas questões referentes à intolerância religiosa. Temas difíceis, mas necessários nessa região.

Para finalizar, como você percebe a importância das suas produções artísticas para o cenário do circo baiano?

ANSELMO SERRAT: Eu muitas vezes não tenho noção, não! Me surpreendo quando eu leio a respeito... Pô! É mesmo, rapaz?! Fui eu quem fiz?! Na verdade, a Picolino acabou criando uma relação íntima entre o corpo circense, a música e a história contada, um diálogo que tem suas estruturas, mas que também é aberta para os improvisos. Acho que essa foi uma das contribuições que demos para a Bahia e o Brasil, fazer espetáculos circenses que se fechassem em si mesmo, que não fossem fragmentados. Essa forma de fazer circo, foi muito nossa, e esta foi a contribuição! Mas há algum tempo, eu tenho visto espetáculos assim, aqui no Brasil. Grandes espetáculos, muito lindos, todos redondinhos! A galera de São Paulo, também, é uma galera que foi fundo, até mais fundo que nós, nessa história.



CONCLUSÕES

Anselmo Serrat lutou intensamente para que a Escola Picolino de Artes do Circo se mantivesse atuante, mesmo com o seu afastamento da direção da Escola, para criar a Escola de Circo Rural, no Vale do Jequiriçá, em 2016. Atualmente, à frente da Escola Picolino, como coordenadora geral está Luana Tamaoki Serrat. Temos certeza que Luana Serrat levará adiante os projetos criados, ao longo desses 35 anos, por seu pai e sua equipe de colaboradores, assim como avançará na construção de novos projetos.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE PICOLINO: 18 Anos de Circo e Arteducação Revolucionária. Coord. Tiago Alves. Salvador: Associação Picolino de Artes do Circo, 2004. Não publicado.

CADERNO DE SISTEMATIZAÇÃO DO ALMANAQUE PICOLINO. Coord. Tiago Alves. Salvador: Escola Picolino de Artes do Circo; Pommar USAID, 2004. Não publicado.

DOSSIÊ ESCOLA PICOLINO: 28 anos de Arte-Circo-Educação. Salvador: Escola Picolino de Artes do Circo, 2012. Não publicado.

ELIENE BENÍCIO: é professora da Escola de Teatro/ Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA).

FABIO DAL GALLO: é professor da Escola de Teatro/ Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA).

MARIO FERNANDO BOLOGNESI: é professor visitante da Escola de Teatro/ Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA).

SIMONE REQUIÃO: é doutoranda do PPGAC/UFBA. Professora da Escola de Teatro / Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA).